

### Sentidos do Amor: Diálogos Possíveis

Refletir sobre o amor e traduzir as suas manifestações é um esforço de compreensão multidisciplinar e complexa que envolve um direcionamento para o pensar socioantropológico, sua dimensão humana e filosófica. O amor não se pode decifrar com os rigores de uma ciência positivista ou com categorias rígidas, ao contrário, é um pensar que se faz costurando os pensamentos afins e integrando com tipo de olhar, como diria Machado Pais (2006), *intrometido e comprometido*.

Enxergar o amor, em vez das efemeridades das relações e das práticas utilitaristas e reducionistas na cidade, é possível quando lançamos um olhar para as coisas miúdas que ocorrem cotidiano. É, portanto, um modo de ver e sentir a cidade, que o pesquisador encontra as reciprocidades positivas, tornando possível perceber movimentos quase invisíveis, perceptíveis apenas quando olhamos “de dentro e de perto”.

Proponho uma “etnografia do amor”, uma escrita da experiência e da percepção, quando o pesquisador decide focar o olhar numa direção e se lançar em seu próprio percurso afetivo na cidade. Sem desejar omitir as contradições pertinentes ao convívio social e a fragmentação da contemporaneidade, que pode provocar a solidão, o isolamento e o conflito de interesses, o foco desta reflexão se situa numa direção oposta. Focaliza o olhar para o entendimento das manifestações amorosas na cidade, situando o amor como “uma prática amadora” (LINHARES e PIMENTEL, 2012).

Encontro aporte no “paradigma da dádiva” (CAILLÉ, 2002) que sugere novos rumos para pensar os vínculos sociais. Nesse pensamento, a dádiva é gesto social universal que compreende em dar, receber e redistribuir. O seu fundamento primeiro está no pensamento de Marcel Mauss no seu ensaio sobre a dádiva. No dizer de Martins (2005) a dádiva está imbuída nas relações humanas como vínculo social e encontra-la, é, portanto, um exercício de olhar:

Trata-se de observar prioritariamente no cotidiano, não os atores e as estruturas, mas o que circula entre os atores a favor do vínculo social [...] a dádiva está presente em todas as partes e não diz respeito apenas a momentos isolados e descontínuos da realidade. O que circula tem vários nomes: chama-se dinheiro, carros, moveis, roupas, mas também sorrisos, gentilezas, palavras, hospitalidades, presentes, serviços gratuitos. (MARTINS, 2005 p.56).

Acrescento que o amor é fio condutor da dádiva enquanto relação de reciprocidade solidária. É uma categoria filosófica, moral e política, mas teve início no muito antes na cosmologia grega, que revela que o amor é o movimento que sustenta o mundo. Hesíodo, poeta grego do sec. VIII a.C. proclama no seu poema numinoso que *Eros é uma força vital que garante a continuidade do ovo primordial engendrada pela noite, que em duas metades fez a terra e o céu*. Foi Eros que possibilitou a integração entre todos os seres da terra. Eros é força avassaladora, não há ser que se possa opor resistência.

Na tradição grega, o nascimento de Eros teve várias versões desde que Hesíodo pronunciou a sua teogonia, contudo, foi no pensamento de Platão, na obra *O Banquete*, que o amor ganha significações humanas, pois ele estava imerso no ideal antropológico socrático de amor, que o entende como *Paidéia*.

A Paidéia do amor em Sócrates é, antes de tudo, vivida na relação como o outro, uma atitude amorosa. O amor é um agente educativo e ao mesmo tempo ativado pela busca de um ideal ético, que é o bem, o belo e justo. Desse modo não há um “objeto do meu amor”, mas uma relação de amor, que se concretiza tanto na esfera pública, como na esfera privada da vida.

## O Amor na Cidade

A cidade é originalmente um espaço da convivência. Em sua dupla dimensão, *urbe* e *polis*, é impossível pensar a cidade sem admitir a sua essência política integradora e caótica ao mesmo tempo. No pensamento de Aristóteles a felicidade só existe na convivência dos homens na cidade, que se expressa como amor *filia* (amizade) traduzindo em força política que possibilita a própria vida no espaço público e no bem comum.

Por isso, a cidade em sua essência é o lugar do cidadão e onde ele se realiza espiritualmente, como diz Hannah Arendt (2003 p.65) *os homens ingressavam na esfera pública por desejarem que algo seu, ou algo que tinha em comum com outros, fosse mais permanente que as suas vidas terrenas*. No pensamento de Arendt, a experiência vivida no espaço público é práxis, a ação humana que se viabiliza pelo diálogo, possibilitando um espaço comum e nele os interesses coletivos que podem traduzir-se por cidadania ativa.

O amor é, portanto, um sentimento humano que se realiza para o outro, ele encontra a sua existência no convívio e nunca fora dele, e, desse modo, distingue-se da noção de amor romântico, que está sempre centrado em si mesmo. A sua concretização ocorre na tolerância, na convivência e na aceitação do outro, convertendo-se como diz Aguiar (2010) em *amor mundi*, um amor próprio dos homens nos interesses comuns.

A modernidade com o seu projeto capitalista, promoveu, dentre outras coisas, o desaparecimento do amor como sentimento humano que se realiza na esfera pública, isto porque a aridez e o declínio do espaço público são as características eminentes da sociedade de consumo e das relações econômicas mediadas pelo dinheiro. O amor fraterno reduziu-se ao convívio íntimo dos amigos eleitos e ao amor romântico, como sentimento privado que une duas pessoas na intimidade.

No plano da convivência humana, a vida na metrópole causou um isolamento e a perda da aptidão para intercambiar experiências. Nessa direção, Simmel (1973) refere-se à atitude *blasé*, como um embotamento dos sentimentos que reduz e protege o indivíduo dos estímulos provocados pela metrópole, desenvolvendo um tipo de comportamento racionalista e impessoal.

O isolamento e a solidão da metrópole promoveram uma fragmentação do indivíduo e um afrouxamento dos laços sociais, como diz José Machado Pais, a solidão como desligamento e desencontro:

Quando o outro está fisicamente próximo, mas socialmente distante, quando nos muros do silêncio não deixam nem ouvir o que o outro tem para dizer, então o conceito de solidão pode desenhar-se como apropriado, se expressa uma quebra dos laços sociais que afectam a o sentido da vida (PAIS, 2006 p.19).

O que ocorreu no padrão moderno de comportamento na metrópole foi um esforço para não ver, nem tocar o outro, uma desilusão e um desencantamento com o todo. O cidadão comum tende a realizar uma “libertação do outro” e do estranho. Suas interações parecem estar circunscritas aos mais íntimos, ao grupo familiar ou a seu grupo seletivo, resistindo à concretização do *amor mundi*, pensado por Hannah Arendt. Acrescentam-se a isso, os interesses de classe e a segregação

espacial que provoca o isolamento de um determinado grupo em detrimento do convívio coletivo.

A partir da perspectiva de que a metrópole contemporânea é uma miríade de acontecimentos fugidios, circunstanciadas pelo acaso, podemos dizer que a sua dimensão política foi obscurecida pela urbe, que é sua materialidade e sua existência metafórica aludida pelo concreto, como também pela ação perversa do mercado que reduziu as pessoas a meros objetos.

Se a vida é marcada pela velocidade das ruas e pela incerteza, como podem ocorrer os encontros amorosos na metrópole? Um caminho possível é compreender que Eros pode ser circunstanciado por uma força que tende a transpor os acasos da cidade grande. Eros realiza a transgressão dos circuitos na cidade nos conduzindo ao desvio dos percursos rotineiros que pode nos levar a um encontro amoroso. Nesse caso, o amor, como força erótica, ganha enlevo num outra temporalidade que se distingue do tempo *Cronos*, manifestado por uma disciplina rígida que faz com que os roteiros nunca sejam alterados, sob pretexto de não se poder perder tempo.

Os fluxos dos encontros amorosos ocorrem num movimento que opõe a *Cronos*, remetendo a *Kairós*, que permite o instante e o irremediável. Na tradição grega, *Kairós* atua numa luta incessante contra *Cronos*, que é dócil, que se manifesta como modelo de regularidade e de repetição em seu bailado cíclico. *Kairós*, ao contrário, é saltitante, acrobata, que desorienta (MATOS, 1997).

Na tradição cristã, *kairós* é um tempo divino que transcende os sentidos humanos. Uma atuação de Deus irremediável. O destino? Nessa direção, cabe aos homens a sabedoria do agir em cada tempo, como escrito no livro do Eclesiastes:

Debaixo do céu há um momento para tudo, e um tempo para certo para cada coisa. tempo para nascer e para

morrer. Tempo para plantar e tempo para arrancar o que foi plantado. Tempo para matar e tempo para curar. Tempo para destruir e tempo para construir. Tempo para chorar e tempo para rir. Tempo para gemer e tempo para dançar. Tempo para jogar pedras e tempo para recolher as pedras jogadas. Tempo para abraçar e tempo para separar. Tempo para procurar e tempo para perder. Tempo para guardar e tempo para jogar fora. Tempo para rasgar e tempo para costurar. Tempo para falar e tempo para calar. Tempo para amar e tempo para odiar. Tempo para a guerra e tempo para a paz. (ECCLESIASTES 3, 1-8).

Olgária Matos (1997) reflete que desde a tradição grega o amor tem o seu lugar na dialética entre Eros e Logos, se opondo a separação entre razão e sentimento, conduzindo os homens “a arte de capturar o instante”, de poder decifrar os seus sinais e transformá-lo em conhecimento que é sabedoria. Por isso, o amor pode surgir na circunstancialidade e na imprevisibilidade do momento. É ação que se manifesta nas trocas simbólicas da dádiva, como pensou Caillé (2009)

Dessa maneira, na cidade se desdobram gestos miúdos, inúmeras redes de relacionamentos que se sustentam no espaço público, intercambiadas pela dádiva. Elas são pura manifestação desinteressada, no sentido de ser ação sem utilidade última. Elas são motivadas pelo afeto e pela solidariedade, promovendo outros percursos na cidade.

## **Os Percursos Afetivos e Amadores na Cidade**

Amador é uma prática amorosa. A prática amadora é um movimento que se concretiza na interação com o outro e, portanto, ocorre num plano relacional e ao mesmo tempo como individuação. Um tipo de amor que se compreende por sua prática (LINHARES e PIMENTEL, 2012).

O amador vive a cidade de modo diferente, ele age não somente como um bom cidadão, cumprindo as suas obrigações morais, ele expõe a sua condição humana altruísta onde viver para si é a condição de viver uns com os outros. Por isso, o lugar do amador é a cidade como um todo, mesmo que seus circuitos solidários estejam circunscritos a um território.

Para o amador, fazer o bem não é uma prática utilitarista, que busca no sistema de trocas as vantagens e recompensas. Ao contrário, ele tem sua motivação numa opção política e, ou, ao mesmo tempo, numa motivação crística, isto é, seus gestos amorosos podem ser percebidos tanto na proposta universal de caridade ou no engajamento político militante. Nesse caso, suas ações com frequência são dirigidas para a promoção e defesa dos direitos humanos, tendo como campo de experiência a práxis educativa, na concretização de uma cultura de paz e para um comportamento ético da cidadania ativa.

Os percursos dos amadores são propícios aos encontros porque há afeto e abertura em seu caminhar pela cidade. Ele não está desatento, pois seu olhar captura o outro. O seu engajamento social é percebido nas manifestações do voluntariado espontâneo e despretensioso, como também pela articulação política engajada, sua intencionalidade é frequentemente solidária e caridosa, na radicalidade do ideal cristão, entendida aqui como o próprio amor universal.

Dessa forma, a caridade não pode ser pensada como uma “performance”, isto é, um ritual ou uma ação utilitária, em que o outro é objeto da compaixão, ao contrário, a caridade se expressa por uma nova relação entre os sujeitos. O próprio amor em ação, como escreveu Paulo de Tarso na carta aos Coríntios, “o amor não se porta inconvenientemente, não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não suspeita mal”.

Tanto nas narrativas de Paulo de Tarso, como também em diversas passagens do Novo Testamento, o amor aparece como o fundamento da prática cristã. Na parábola do Bom Samaritano, no Evangelho de Lucas, conhecida como “narrativa a viagem a Jerusalém” (DUTRA, 2011), pode ser considerada como um prática amadora radical, pois o Samaritano amou aquele que não era o seu próximo, um homem qualquer deitado na estrada. Como diz Dutra (2011) na história do bom samaritano esse era o único que não foi identificado porque ele era um excluído do seu tempo, invisível para todos os outros que por ali passaram. O gesto do bom samaritano é a o sentido da caridade.

Nesse sentido, é necessário entender a caridade em sua essência e distingui-la das visões pejorativas comumente anunciadas como assistencialismo e paternalismo é tarefa primordial para o entendimento da ação amadora. O oposto da caridade é ação técnica da assistência social, que toma outro com o usuário do sistema de garantia de direitos, a quem o Estado tem obrigação de assistir. Essas ações possuem o seu valor no mundo contemporâneo e não cabe aqui uma crítica, mas é fundamental separá-la da ação amorosa. A assistência social na contemporaneidade atende ao critério de direito e justiça social, mas não podem ser confundidas com a caridade.

São gestos similares ao do bom samaritano que vejo quando observo as práticas amadoras. Tomando por base empírica as ações desenvolvida no Grupo Espírita Casa da Sopa<sup>1</sup>, podemos situar o amador numa relação intersubjetiva. Sua prática está fundada no acolhimento das diferenças e no diálogo de experiências.

O amador voluntário da Casa da Sopa não estranha a aparência física da pessoa em situação de rua, nem mesmo

---

<sup>1</sup> O grupo Espírita Casa da Sopa é uma instituição social sem fins lucrativos que atende a população de rua de Fortaleza.



rejeita o seu contato corporal. Seu corpo não colide, ao contrário, o envolve. No registro dos trabalhos na casa<sup>2</sup>, pude perceber gestos sutis de acolhimento, como o abraço, o aperto da mão, chamar a pessoa em situação de rua pelo nome, a disposição para a conversa no atendimento fraterno, o “banco de ajuda”, entre outros dirigidos a população de rua.

A população de rua é um segmento social constituído por pessoas que perderam os vínculos familiares, ou possuem esses vínculos fragilizados e, por motivos diversos, dormem permanente ou circunstancialmente em espaços públicos. Parte da experiência das grandes cidades, a sua existência se confunde com tantos outros personagens da cena urbana que ocupam os espaços públicos, como os mendigos, catadores de materiais recicláveis, michês, prostitutas e tantos outros tramam uma rede de vínculos e sociabilidades típicas do universo da rua. São sujeitos nômades, percorrem vários espaços da cidade. Tendo com ponto fixo, comumente, o lugar onde dormem, e parte dele para outros espaços, principalmente, aqueles localizados no Centro da cidade e nos bairros adjacentes. É o nomadismo do morador de rua que faz dele um ator invisível na cidade.

A Casa da Sopa é pioneira no cuidado social com a população de rua, vem construindo uma práxis sobre a população de rua que pode ser traduzida como uma experiência de amor entre os seus voluntários

No poema “Anjos da noite”<sup>3</sup>, o olhar do amator percebe ao mesmo tempo a beleza e o horror, pois ele pode capturar

---

<sup>2</sup> Sobre as atividades na Casa da Sopa, ver a dissertação de ERBERELI, Ligia Rodrigues. Fluidoterapia como racionalidade em saúde: contexto do cuidado para com os sujeitos em situação de rua realizado GECS.

<sup>3</sup> Anjos da Noite foi escrito por Leonardo Rodrigues por ocasião do trabalho de registro fotográfico da pessoa em situação de rua em Fortaleza.

na relação com outro, a sua subjetividade. O amador diz: “[...] renunciaram a tudo, sobrou pouco para se preocupar. Descuidou-se do vestir e não quer mais pentes para disciplinar os cabelos [...] pode ser que os homens durmam enquanto transitam apressados para o seus trabalhos desacordados para a presença dos anjos, que de passos lentos caminham para outra direção...” No texto, o amador foge das típicas nomeações de mendigo, morador de rua, sofredor entre outras, pois para ele o humano aparece enquanto ser que é de fato. Seu olhar captura a interioridade e a transcendência do ser.

### Referências Bibliográficas

AGUIAR, Odílio Alves. *A amizade como amor mundi*. O que faz pensar.v. 28, p-131-144.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. São Paulo: Forense, 2003.

ARISTOTELES. São Paulo: Nova Cultural. Abril Editora, 1987. (Coleção os Pensadores).

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 2004.

Bíblia Sagrada. Petrópolis: Editora Vozes, 1982

CAILLÈ, Alan. *A Antropologia do Dom – O terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2009.

ERBERELI, Ligia Gomes Rodrigues. Fluido terapia como racionalidade em saúde: contexto do cuidado para com os sujeitos em situação de rua realizado GECS. Dissertação de Mestrado em Saúde Pública UFC, 2012.

DUTRA, Haroldo. *Parábolas de Jesus – texto e contexto*. Curitiba: FEP, 2011.

LINHARES, Ângela, PIMENTEL, Lidia Valesca. A construção do sentido de ser amador In: MATOS, Kelma, Socorro A.L

(Org). *Cultura de paz, ética e espiritualidade III*. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

MATOS, Olgária. Amor e cidade, amor na cidade: Walter Benjamin. In: MAGALHÃES, Maria Cristina Rios (Org). *Na sombra da cidade*. São Paulo: Escuta, 1995.

MARTINS, Paulo Henrique. A Sociologia de Marcell Mauss: Dádiva, simbolismo e associação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. 2005. P 45-66

O NOVO TESTAMENTO. Tradução de Haroldo Dutra. Federação Espírita Brasileira, 2013.

PAIS, José Machado. *Nos rastros da solidão: feambulações sociológicas*. 2. ed. Lisboa: Ambar, 2006.

PINHEIRO, A.E e FERREIRA, J.R. *Teogonia / trabalhos e dias*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

SIMMEL, George. A metrópole e vida mental. In: VELHO, Octavio Guilherme. *O fenômeno Urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

TORRANO, JAA. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 1991.